



(1959/2012) Memória de Luis Mansilla

Autor(es): Costa, Alexandre Alves

Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitetura

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37313>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8681_3_1

Accessed : 31-Dec-2020 16:21:49

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

JOELHO

03

VIAGEM-MEMÓRIAS: APRENDIZAGENS DE ARQUITECTURA

Coordenação:

Alexandre Alves Costa
Domingos Tavares

Exposição Viagem

Exposição Memórias

Luis Mansilla

Alexandre Alves Costa
Domingos Tavares

Jorge Figueira

José Miguel Rodrigues

José António Bandeirinha

José Fernando Gonçalves

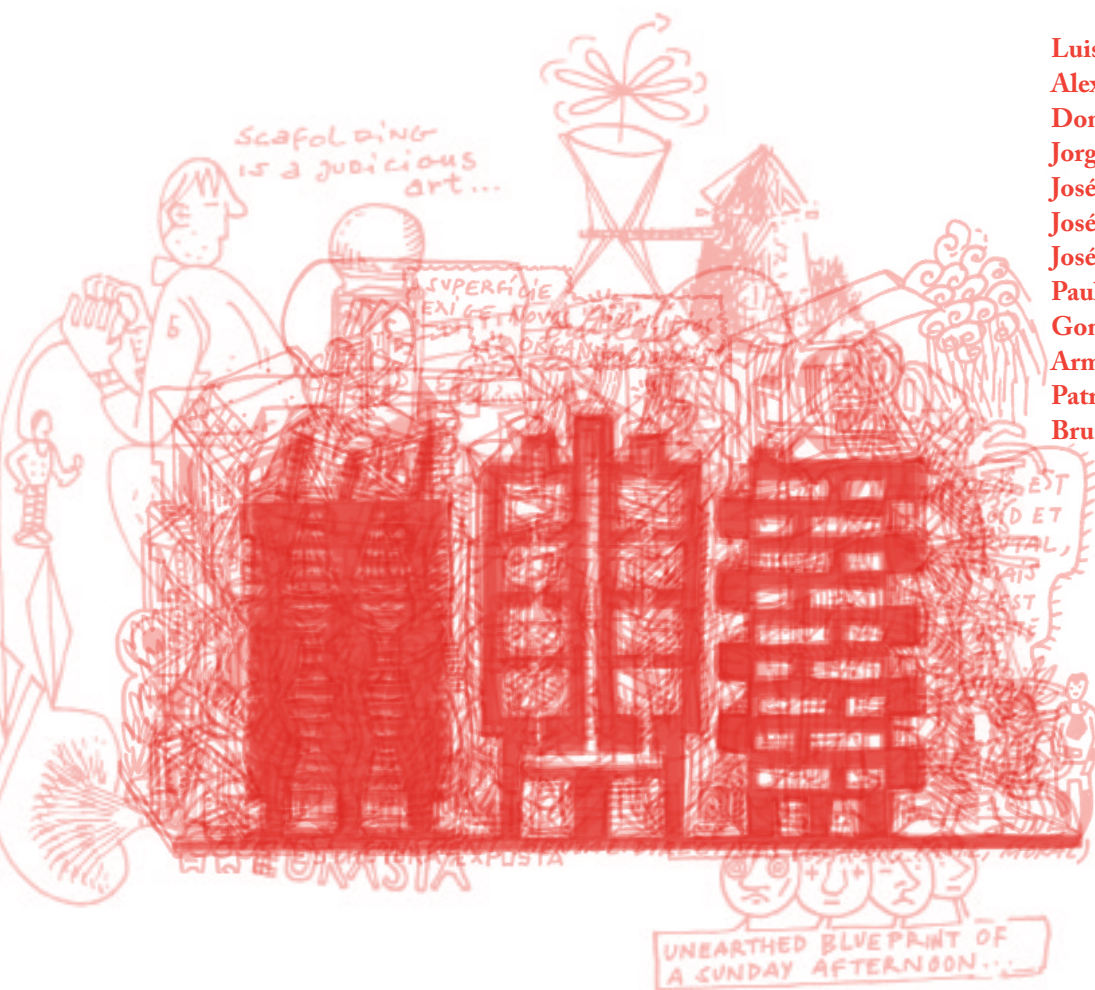
Paulo Providência

Gonçalo Canto Moniz

Armando Rabaça

Patrícia Miguel

Bruno Gil



(1959/2012)
**Memória de
Luis Mansilla**



São para ti, Emílio, estes pensamentos que em tempos dirigi a ambos. Para mim, pensar num, foi sempre pensar nos dois. Foi assim e vai continuar a ser. E, companheiros, com que alegria vivemos a nossa amizade.

Sempre que estivemos juntos parece que nunca nos tínhamos, antes, separado.

Não se tratava de arquitectura. Sempre me tocou a forma como sendo tão empenhados, como todos sabemos que são, no exercício disciplinar, nunca separem aquele exercício, da própria vida. E é essa saudável vitalidade que se reflecte na riqueza de forma e conteúdo das suas obras. É uma paixão pela arquitectura que decorre da paixão pela vida e isso é legível na obra, tanto, como no seu convívio pessoal.

E sendo disso que se tratou, porque hei-de ser obrigado a falar da morte?

Ainda não sei se é verdade que perdemos o Luis Mansilla. Não sei se me interessa saber.

Se um dia o perdermos vou olhar para um vazio cujo misterioso sentido, a existir, retirará sentido a tudo o resto.

Mas, porque a arquitectura, como ele escreve, não é senão a vida que se finge natureza, falarei de arquitectura, no passado e no presente, para que os olhos não se embaciem, tentando vencer as descontinuidades do tempo.

O discurso do Emílio e do Luis foi, sempre, profundamente poético. Diria melhor, talvez, literário e figurativo: preso a uma leitura do real, retirando da sua complexidade aquilo que poderá informar o futuro projecto. É como se a ideia decorresse daquela leitura, selectiva, porque a narrativa da arquitectura não pode conter todo o real. Este reconhecimento daquelas limitações constitui um primeiro gesto de bom senso que impede qualquer excesso.

Nada disto tem a ver com minimalismo, pelo contrário, tem a ver com uma ambição maximalista

no reconhecimento do conteúdo dos espaços a que a construção vai dar forma.

É um processo enigmático, porque do real, não se busca a forma mas sim o sentido e, por isso, também não é uma arquitectura contextualista ou talvez seja, pelo contrário e passe o paradoxo, a única verdadeiramente contextualista.

E todos quisemos saber, sobretudo aqui no Porto, qual é o processo de desenho que, de coisa mental desce à manualidade e ao extremo do seu radical rigor compositivo e, por isso, estrutural e construtivo.

Parece que a riqueza dos espaços que nos propõem é consequência natural, espécie de fatalidade, de um processo que se desenvolve entre uma poética do real e a ciência.

Temos a certeza de que não é assim, mas não sabemos como é, porque nunca saberemos decifrar os mistérios da criação.

E, de repente, apetece pôr tudo ao contrário, porque também é possível o contrário ser verdadeiro, como afirmava Távora, e dizer que é da forma artística dos espaços que nasce a estrutura e que o resultado vai descobrir um real que não é mais do que uma invenção que funciona como justificação a-posteriori.

O que sei, e isso sei mesmo, é que para o Emílio e para o Luis, tudo é criação artística, as formas da arquitectura, o real e a vida.

Tudo é inventado e manuseado conforme lhes convém.

Tudo é inventado e manuseado com um subtil humor para nos maravilhar

Para quê falar da morte?

Só porque nos lembramos, que o próprio Luis, dedica o seu trabalho de doutoramento, "Apuntes de viaje al interior del tiempo", ao seu aboelo oculista que morreu como a todos nos gustaría morir, de improviso, mientras dormia.

Fevereiro 2012

Alexandre Alves Costa

Luis Mansilla, Sessão de avaliação dos trabalhos dos alunos de Projecto II (2006/2007) no DARQ.
Fotografia de Nelson Mota.